

## *A Dimensão Expressiva na Indexação de Documentos Fotográficos*

*Miriam Paula Manini*

Prof.a Dr.a do Curso de Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UnB

### **Introdução**

A indexação de documentos fotográficos deve considerar alguns conceitos e utilizar determinadas regras que resultem num exercício adequado de tratamento do conteúdo informacional e que representem, ao mesmo tempo, uma segurança quanto à recuperação destas informações por parte dos usuários de um acervo fotográfico.

Há uma abordagem específica da indexação de fotografias à qual queremos atrelar este conjunto de observações que é a Dimensão Expressiva da imagem fotográfica<sup>1</sup>.

Apresentamos, também, aproximações relativas ao conteúdo genérico, ao conteúdo específico e ao significado das imagens fotográficas. Nesta perspectiva, e de maneira mais conclusiva, propomos perguntar como estes conteúdos e este significado se manifestam de modo a recuperar imagens integrando a Dimensão Expressiva das fotografias.

Como ponto de partida da análise documentária de imagens, aqui estão incluídas as análises de Shatford (1986): DE Genérico, DE Específico e SOBRE<sup>2</sup>, e a concepção de Dimensão Expressiva de Smit (1996 e 1997).

Descrever uma fotografia<sup>3</sup> e dela extrair significados lingüísticos pode parecer tarefa simples ou destituída de regras. Entretanto, por mais que estas façam parte da bibliografia<sup>4</sup>, há uma série de dificuldades em definir, na prática, parâmetros para a extração de unidades de indexação (descritores ou palavras-chave<sup>5</sup>).

Os principais problemas que se pode apontar são: em primeiro lugar, há questionamentos com relação a como escolher as unidades, os elementos de representação; em segundo lugar, é

---

<sup>1</sup> O conceito de Dimensão Expressiva pode ser encontrado em Lacerda (1993) e em Smit (1996 e 1997) e será desenvolvido em parte específica desta comunicação.

<sup>2</sup> Uma imagem pode ser genericamente DE alguma coisa, especificamente DE alguma coisa e SOBRE alguma coisa, como veremos.

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre a descrição da imagem fotográfica, ver Marin (1970) e Smit (1994).

<sup>4</sup> Shatford (1984 e 1986), Smit (1989) e Shatford Layne (1994).

<sup>5</sup> Chamamos de descritores os termos controlados, previamente incluídos e listados num Tesouro; as palavras-chaves, por seu turno, são elementos resultantes de uma livre escolha de termos de indexação, para o caso de inexistência de um vocabulário controlado (realidade da maioria dos acervos).

preciso definir os parâmetros que relacionem tais unidades, tais elementos, para garantir a consistência na transposição do imagético para o escrito.

### **Texto, Lingüística e Fotografia**

Como no texto escrito, os termos verbais, lingüísticos, empregados para indexar uma fotografia estão também sob a ação das regras da polissemia, da homonímia e da antonímia; por isso são adotados os vocabulários controlados. Quais seriam as diferenças entre indexar um texto escrito e uma fotografia? Talvez nenhuma se partirmos da descrição<sup>6</sup> (escrita) da imagem fotográfica para levantar os termos de indexação (como preferem alguns acervos). E certamente há diferenças entre a elaboração da descrição de um texto e a descrição de uma imagem.

Apesar de partirmos da imagem na indexação de fotografias, logo chegamos ao texto (descritores ou palavras-chaves). A operação de leitura imagética ocorre, então, no primeiro plano, sendo o restante do processo da ordem do texto escrito, presidido, então, pela Lingüística e suas regras.

A Lingüística está restrita à linguagem articulada e as questões da imagem fotográfica requerem um outro viés de análise, que se deve somar à leitura do conteúdo informacional de uma fotografia. Sob este aspecto, a Dimensão Expressiva da Imagem parece-nos uma opção promissora.

### **Análise Documentária de Fotografias**

Smit (1996) chama a atenção para o fato de que os procedimentos aplicados à indexação de documentos escritos não podem ser meramente transpostos para a indexação de fotografias pelo simples fato do estatuto da imagem fotográfica ser diferente do texto escrito e que, além do conteúdo informacional, a Dimensão expressiva da fotografia deve ser considerada. Ela propõe, inclusive, a seguinte equação: Imagem = Conteúdo Informacional + Dimensão Expressiva.

Dimensão Expressiva é a parte da imagem fotográfica dada pela técnica: é a aparência física através da qual a fotografia expressa seu conteúdo informacional, é a extensão significativa

---

<sup>6</sup> Usaremos sempre a palavra *descrição* – e não *resumo* – para falar da operação de condensação e representação de textos imagéticos com finalidade de análise documental, pois acreditamos ser mais fácil falar em *descrição de uma fotografia* que em *resumo de uma fotografia*.

da fotografia manifesta pela forma como a imagem se apresenta (revelada pela técnica)<sup>7</sup>.

A operação de indexação de documentos fotográficos também deve ser pensada em termos da representação escrita e da posterior recuperação da informação imagética por parte do usuário.

A indexação de imagens tem os nomes de Shatford (1984 e 1986), Smit (1989, 1996 e 1997), Leung (1992) e Shatford Layne (1994) como os principais pontos de referência e reflexão.

Em 1984, Shatford apresenta conceitos relacionados à descrição específica de imagens e as diferenças com relação a outros documentos e propõe o desenvolvimento de uma base teórica relacionada à imagem justamente para fornecer aos usuários os seus meios de avaliação, adaptação e aplicação.

Shatford (1986) traz a proposta de identificação e classificação das temáticas que uma imagem pode conter através da utilização de princípios previamente estabelecidos: traz as idéias do *DE Genérico*, *DE Específico* e *SOBRE*<sup>8</sup>, além das proposições *Quem*, *O que*, *Onde*, *Como* e *Quando*<sup>9</sup>.

Já no texto de 1994, Sara Shatford Layne aborda o assunto da indexação de imagens, enfocando o fato de que ela deve ser feita com a finalidade de preparar o acesso às imagens baseado nos atributos das mesmas. Tal acesso deve ser dado a imagens isoladas e também a grupos de imagens.

Estes autores trouxeram grande contribuição ao exercício de leitura de imagens fotográficas com fins documentários.

A leitura do profissional da informação prepara a leitura do usuário. Tal preparação envolve, ainda, a elaboração de uma descrição da imagem e a indexação (esta forma de representar o conteúdo de um documento que, algumas vezes, parte da própria imagem fotográfica e, outras vezes, do resumo que se faz da mesma).

A tradução é a própria escolha do termo de indexação, a definição da marca de transposição do visual para o verbal. A importância do profissional da informação está em que ele deve ter um conhecimento mínimo sobre o conteúdo do documento que está analisando, bem como conhecer os interesses dos usuários e a política do acervo e ter acesso aos mecanismos de

---

<sup>7</sup> Ver, adiante, mais detalhes sobre a Dimensão Expressiva.

<sup>8</sup> Uma leitura genérica e específica DE que é a imagem e SOBRE o que é a imagem, como veremos mais adiante.

<sup>9</sup> Perguntas gerais relativas ao que aparece na imagem.

controle de vocabulário.

### **Descrição e Indexação**

Quando se descreve uma fotografia, não apenas se reduz o seu texto imagético em termos da unidade de conteúdo que ela representa, mas se escolhe<sup>10</sup> uma entre várias possibilidades de leitura que uma imagem permite (por causa da polissemia)<sup>11</sup>.

Já o levantamento de termos para indexação – que é igualmente a transposição do visual para o verbal – pode ser feito a partir da própria fotografia (visual) ou da descrição (verbal) que se faça da mesma – ou, ainda, da legenda (ou outro texto) que, porventura, acompanhe a imagem.

Os processos de elaboração de descrição de imagens fotográficas e de levantamento de termos para indexação (esta forma de expressar o conteúdo de um documento e que será, para nós, mais importante que a primeira) estão na base de nossas preocupações, pois é neste momento que o profissional da informação realiza a tarefa mais importante em termos de análise de conteúdo: é a hora de reunir as palavras que farão com que o usuário se interesse – ou não – pelo documento. Como escolher estes conceitos que serão, de fato, uma ponte entre o usuário e a fotografia? Como escolher conceitos que representem a Dimensão Expressiva da imagem? Como aparecerão, na pesquisa, na recepção, estes termos?

### **Dimensão Expressiva**

Segundo Smit (1997), a lógica da fotografia está em que ela manifesta um conteúdo informacional; tal conteúdo foi obtido com a concorrência de uma série de intenções. O documento resultante do processo pode ser tratado e recuperado, independente do tipo de instituição que o estoca.

Neste sentido, há um questionamento importante (Smit, 1997, p. 2):

por que a bibliografia da área da informação preconiza o tratamento da fotografia exclusivamente pelo que esta mostra, ou seja, pelo seu conteúdo informacional (...) desprezando sua Dimensão Expressiva?

---

<sup>10</sup> Quando Smit (1996) propõe trabalhar o nível pré-iconográfico (DE Genérico) e, com maiores cuidados, o iconográfico (DE Específico), é porque a escolha é objetivada e a descrição permanece próxima da imagem.

<sup>11</sup> Para uma melhor compreensão do tema *Leitura de Imagens*, ver Barthes (1990), Dubois (1986), Gauthier (1994), Manguel (2001) e Sontag (2005), entre outros.

Nossa experiência com usuários de fotografias demonstra que a eles interessam tanto o objeto fotografado quanto a Dimensão Expressiva da imagem<sup>12</sup>.

E Smit categoriza três parâmetros de análise:

- o que a fotografia mostra (o conteúdo informacional);
- como a fotografia mostra (a forma usada para mostrar tal conteúdo: a Dimensão Expressiva);
- onde a fotografia mostra (o documento fotográfico enquanto objeto físico).

A Dimensão Expressiva de uma fotografia é algo ligado à forma da imagem – que se encontra em justaposição ao seu conteúdo informacional. Os métodos tradicionais de indexação de imagens preocupam-se com a recuperação baseada no conteúdo. Há a necessidade, entretanto, de se considerar também a recuperação da informação visual baseada na forma.

(...) a fotografia apresenta esses dois aspectos: imagem e objeto. Acrescentaríamos ainda um outro, estreitamente relacionado à imagem, e que diz respeito à sua expressão. Essa expressão seria a forma como uma imagem é mostrada, estando ligada a uma linguagem que lhe é própria e que envolve a técnica específica empregada, a angulação, o enquadramento, a luminosidade, o tempo de exposição, entre outros. Essas três dimensões do registro fotográfico – conteúdo, expressão e forma – é que constroem, em última instância, a mensagem que informa. (Lacerda, 1993, p. 47)

A importância de considerar a Dimensão Expressiva na análise documentária de fotografias está no fato de que o ponto decisivo de escolha de uma imagem (a partir de um conjunto, fornecido num sistema de recuperação de informações visuais) pode estar justamente na forma como a mensagem imagética foi construída para transmitir determinado conteúdo informacional.

Em outras palavras, o sistema oferece um sem-número de fotografias com determinado conteúdo informacional e o que vai presidir a escolha de uma ou mais fotografia(s) pelo usuário é a sua Dimensão Expressiva.

O que constrói ou dá vida à Dimensão Expressiva é a técnica fotográfica utilizada na produção da fotografia: aqui temos um caso evidente de produção interferindo na recepção. Um exemplo seria a fotografia de um líder tomada de baixo para cima; o resultado ofereceria toda uma imponência, uma sensação mesmo de liderança e de poder do personagem visto como

---

<sup>12</sup> O estudo de Armitage e Enser (1997), por sua vez, demonstra a atenção focalizada no conteúdo da imagem, ainda que modalizada pela forma.

alguém maior, engrandecido. Outro exemplo: o *close*, que pode dar dramaticidade ou suscitar emoções variadas: posição da câmera = técnica = Dimensão Expressiva.

A composição, igualmente, interfere na expressão da fotografia: fazemos retratos, registramos paisagens, fotografamos naturezas mortas. O equipamento também interfere na expressão: uma lente grande-angular pode dar uma sensação de deformação à imagem; uma teleobjetiva oferece pouca profundidade de campo. Da mesma maneira, o formato do filme utilizado – 35 mm (usado comercialmente), 6 X 6 cm, 3 X 4 cm (fotografias de documentos) – participa desta construção. Há uma interferência formal: muito da técnica concorre para que o conteúdo informacional aconteça.

A tabela a seguir, baseada em Smit (1997, p. 6), traz sugestões complementares. Esta nova tabela dará origem, por sua vez, à inserção da Dimensão Expressiva na grade de análise documentária de fotografias<sup>13</sup>.

RECURSOS TÉCNICOS	VARIÁVEIS
Efeitos Especiais	- fotomontagem - estroboscopia - alto-contraste - trucagens - esfumação
Ótica	- utilização de objetivas ( <i>fish-eye</i> , lente normal, grande-angular, teleobjetiva, etc.) - utilização de filtros (infravermelho, ultravioleta, etc.)
Tempo de Exposição	- instantâneo - pose - longa exposição
Luminosidade	- luz diurna - luz noturna - contraluz - luz artificial
Enquadramento	- enquadramento do objeto fotografado (vista parcial, vista geral, etc.) enquadramento de seres vivos (plano geral, médio, americano, <i>close</i> , detalhe)
Posição de	- câmara alta

<sup>13</sup> Conforme veremos.

Câmera	<ul style="list-style-type: none"> <li>- câmara baixa</li> <li>- vista aérea</li> <li>- vista submarina</li> <li>- vista subterrânea</li> <li>- microfotografia eletrônica</li> <li>- distância focal (fotógrafo/objeto)</li> </ul>
Composição	<ul style="list-style-type: none"> <li>- retrato</li> <li>- paisagem</li> <li>- natureza morta</li> </ul>
Profundidade de Campo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- com profundidade: todos os campos fotográficos nítidos (diafragma mais fechado)</li> <li>- sem profundidade: o campo de fundo sem nitidez (diafragma mais aberto)</li> </ul>

Esta tabela, além de não ser exaustiva ou completa nos seus propósitos, está aberta às conseqüências e resultados das transformações tecnológicas, como a fotografia digital e suas peculiaridades. Certamente outros estudiosos da fotografia sempre terão uma sugestão para alterar uma ou outra de suas colunas. O que de objetivo queremos aproveitar dela é a forma como irá alimentar a grade de análise documentária de fotografias.

A proposta inicial é que o profissional da informação observe, na fotografia, os elementos da primeira coluna e identifique quais variáveis da segunda coluna aparecem como técnica ou característica formal da fotografia. Em seguida, pode-se nomear o que estas técnicas fazem a fotografia expressar.

### **Análise de Imagens**

A análise documentária de imagens acontece através da diferenciação dos aspectos genérico/específico:

A Análise Documentária da imagem recupera as categorias informacionais QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE, também utilizadas para a análise textual, mas adaptadas ao universo da imagem. Nesta adaptação ao universo das imagens as categorias foram delimitadas como segue:

QUEM	Identificação do 'objeto enfocado': seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no espaço: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex.: São Paulo ou interior de danceteria)
QUANDO	Localização da imagem no tempo: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex.: junho de 1997 ou dia de verão)
COMO/	Descrição de atitudes ou detalhes relacionados ao 'objeto

O QUE	enfocado' quando este é um ser vivo (p. ex.: cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII)
-------	---

(Smit, 1997, p. 4)

Smit apresenta uma grade de análise para representar o conteúdo informacional da imagem fotográfica reunindo as categorias informacionais (quem/o que,...) ao DE Genérico, ao DE Específico e ao SOBRE de Shatford<sup>14</sup>:

Categoria	DE		SOBRE <sup>15</sup>
	Genérico	Específico	
<i>Quem/O Que</i>			
<i>Onde</i>			
<i>Quando</i>			
<i>Como</i>			

Responder às perguntas quem, onde, quando, o que e como será necessário para representar as informações mais importantes, mas não será o suficiente, uma vez que dados relativos à Dimensão Expressiva da imagem não são obtidos através destas perguntas.

A técnica de produção da fotografia (que fornecerá elementos para a Dimensão Expressiva), a localização da imagem no espaço e no tempo (dados referentes ao conteúdo informacional da imagem), a descrição precisa de seres vivos (mistura de composição – que é técnica e fonte para a Dimensão Expressiva – com conteúdo informacional), as ações específicas dos seres vivos na imagem (também conteúdo informacional) e o ambiente em que se localizam os seres vivos (idem) são categorias de informações imprescindíveis na descrição, assim como a proposta de uma gramática que viabilize a leitura da informação fotográfica que passe pela observação da sua Dimensão expressiva.

Smit (1996) propõe dois focos de leitura para a representação da imagem: o conteúdo informacional e a Dimensão Expressiva. Poderíamos dizer que o conteúdo informacional está ligado ao referente e a Dimensão Expressiva está ligada a um conjunto de fatores ligados à técnica, como composição, enquadramento, entre outros, ou seja, sua dimensão imagética.

<sup>14</sup> Introduzimos uma pequena alteração: na primeira linha passam a figurar as categorias QUEM e O QUE e na última apenas a categoria COMO. Acreditamos que a pergunta O QUE está mais relacionada a um sujeito (ou substantivo); já o COMO dá uma noção de ação (expressa por verbos).

<sup>15</sup> O SOBRE de Shatford Layne (1994) não é usado por Smit para cada categoria de perguntas feitas à imagem (quem, o que, quando, onde, como). O SOBRE é uma síntese, nomeada a partir de um ou vários conceitos abstratos e que pode ser deduzida a partir de vários componentes da imagem, distribuídos por diferentes categorias informacionais.



O objetivo da análise documentária é elaborar representações condensadas daquilo que aparece em determinado documento e expressar o seu conteúdo de forma a facilitar a recuperação de suas informações.

Acreditamos que as informações referentes à Dimensão Expressiva da imagem podem ser conseguidas observando o posicionamento da câmera no momento da tomada, os elementos que compõem a imagem, o enquadramento aplicado na hora do clique, etc.

A nossa proposta de grade de análise documentária de fotografias acrescenta a questão da técnica dando origem à Dimensão Expressiva:

	Conteúdo Informacional		Dimensão Expressiva
	DE	SOBRE	
Categoria	Genérico	Específico	
<i>Quem/O Que</i>			
<i>Onde</i>			
<i>Quando</i>			
<i>Como</i>			

A coluna da Dimensão Expressiva será preenchida segundo dados observáveis na tabela de Recursos Técnicos e Variáveis, já apresentada.

Vamos agora sistematizar todas as idéias apresentadas até o momento, no sentido de propor uma série de perguntas e uma grade de análise à fotografia, com vistas à indexação através de palavras-chave.

As fotografias serão submetidas aos seguintes procedimentos:

- à serie de perguntas *quem/o que, onde, quando e como*;
- à grade de Smit (1997, p. 5) – que é o cruzamento das perguntas acima com o DE Genérico, o DE Específico e o SOBRE de Shatford (1986) – somada à grade de análise proposta por nós, que contempla a Dimensão Expressiva.

Vamos experimentar um exemplo:



Primavera.

<http://www.pdn-pix.com/legends3/michals/15.html>, 30/10/2001.

Resposta às perguntas:

- quem/o que → homem jovem;

- onde → ?;

- quando → antes de 30/10/2001;

- como → flores saem da boca do homem, que parece estar anunciando a chegada da primavera (informação da legenda).

Na grade<sup>16</sup>, temos:

Categoria	Conteúdo Informacional		Dimensão Expressiva
	DE	SOBRE	
	Genérico	Específico	
<i>Quem/O Que</i>	Homem jovem		Primavera - Retrato - Pose - Fotomontagem - <i>Close</i>
<i>Onde</i>			
<i>Quando</i>		Antes de 30/10/2001	
<i>Como</i>		Flores saem da boca do Homem	

Palavras-chaves: Flor, Homem. Informações de legenda: Primavera. Termos relacionados à Dimensão Expressiva: Retrato, Pose, *Close*, Fotomontagem.

Esperamos que esta nova grade traga melhorias para a indexação de imagens fotográficas na medida em que forneça não só dados sobre o conteúdo informacional, mas também dados formais onde a técnica concorre para o “evidenciamento” da Dimensão Expressiva da fotografia.

<sup>16</sup> Esta grade é o resultado da proposta de Smit (1997) somada à nossa proposta.

A chave destas questões é a proposta de incrementar as perguntas a serem feitas à imagem fotográfica além do *quem, o que, quando, onde e como* e DE que ela é genericamente, DE que ela é especificamente e SOBRE o que é a imagem. Trata-se de perguntar como é que a imagem é expressa.

Se, para respondermos *quem, o que, quando, onde e como* com relação àquilo DE que uma fotografia trata genericamente realizamos uma descrição da imagem; e se, para responder *quem, o que, quando, onde e como* com relação àquilo DE que uma fotografia trata especificamente fazemos uma análise da imagem; então, para responder SOBRE o que é uma fotografia fazemos uma análise de seu significado; e para responder como a imagem expressa sua informação fazemos perguntas mais relacionadas à técnica de produção da fotografia.

## **Conclusão**

O aporte da Lingüística a todas estas questões sobre indexação de textos e de fotografias é indiscutível. Contudo, a Lingüística está restrita à linguagem articulada, e as questões do signo fotográfico e da expressão do conteúdo das imagens fotográficas requerem um outro viés de análise. A Dimensão Expressiva da imagem fotográfica apareceu como uma opção promissora.

A indexação de imagens fotográficas tem como grande finalidade facilitar o acesso não a um maior número de imagens, mas às imagens que melhor atendam às necessidades do usuário.

As necessidades específicas que surgem durante o diálogo entre um banco de imagens e o profissional da informação não são atendidas simplesmente pela resposta que um oferece ao outro. Uma reflexão mais geral e anterior sobre este momento se faz necessária.

Esta é uma abordagem da polissemia da imagem e da dificuldade de escolha do grau de atenção que se pode aplicar a um detalhe ou outro de uma imagem que se apresenta para análise. Qualquer detalhe que se privilegie terá uma série de seus pares preteridos, já que qualquer indexação é seleção.

Talvez a indexação de fotografias não necessite de uma revisão e de reformulações tão profundas nos seus métodos e técnicas, mas o contato com os acervos e com os profissionais da informação nos faz pensar que é preciso transformar o modo de uso que se faz, atualmente, no Brasil, das técnicas existentes e/ou conhecidas. Fica evidenciado, no contato com as instituições brasileiras, que os acervos fotográficos necessitam adotar, esclarecer ou reformular métodos de

indexação de fotografias.

E, indo ao encontro da adoção, do esclarecimento e da reformulação acima mencionados, temos a impressão que a saída pela análise da Dimensão Expressiva da imagem tem sido prolífica.

Ao conseguir avançar nesta direção e introduzir a perspectiva da Dimensão Expressiva das imagens na indexação de fotografias, possibilitamos um levantamento de palavras-chaves que se coaduna melhor aos anseios dos usuários de imagens.

O que a fotografia expressa e como ela expressa o que quer que seja é o ponto crucial de nossa proposta: a resposta a estas perguntas, quando transformada em palavras-chaves, é o principal diferencial que o usuário busca (até sem saber, por vezes) na pesquisa de fotografias. E depois da recepção da imagem na recuperação dentro de um sistema, o que norteia a escolha final é justamente a Dimensão Expressiva fotográfica. O conteúdo informacional está para a busca/recuperação/recepção (uso que se faz da imagem) assim como a dimensão expressiva da fotografia está para a escolha final do usuário (critério de escolha da imagem).

Ou seja: a Dimensão Expressiva vem se justapor ao conteúdo informacional, geralmente funcionando como um filtro na busca de imagens. Dificilmente alguém busca uma imagem porque esteja enquadrada em plano americano, por exemplo, mas busca a imagem de Fulano em plano americano (e, portanto, não a imagem de Fulano em *close...*).

As metodologias de análise conhecidas – notadamente a importante contribuição de Shatford Layne – abordam a faceta o que a fotografia mostra. Entretanto, queremos crer que o usuário de acervos fotográficos não se concentra apenas naquilo que a fotografia traz como conteúdo, mas na maneira como este conteúdo é expresso, como ele aparece enquanto registro imagético.

### **Referências Bibliográficas**

ARMITAGE, L. H., ENSER, P. G. B. Analysis of user need in image archives. Journal of Information Science, v. 23, n. 4, p. 287-299, 1997

BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DUBOIS, Philippe. El acto fotografico: de la representación a la recepción. Barcelona: Paidós,

1986. (Paidós Comunicación, 20).

GAUTHIER, Guy. Image et texte. Le récit sous le récit. Langages, Paris, n. 75, p. 9-21, 1994.

LACERDA, Aline L. Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais. Acervo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 41-54, jan./dez. 1993.

LEUNG, C. H. C., HIBLER, D., MWARA, N. Picture retrieval by content description. Journal of Information Science, n. 18, p. 111-119, 1992.

MANGUEL, Alberto. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MANINI, Miriam P. *Análise documentária de fotografias*: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. São Paulo, 2002. Tese (doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, USP.

MARIN, Louis. La description de l'image: à propos d'un paysage de Poussin. Communications, Paris, n. 15, p. 186-206, 1970.

SHATFORD, Sara. Describing a picture: a thousand words are seldom cost effective. Cataloging and Classification Quarterly, New York, v. 4, n. 4, p. 13-29, 1984.

SHATFORD, Sara. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. Cataloging and Classification Quarterly, New York, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.

SHATFORD LAYNE, Sara. Some issues in the indexing of images. Journal of the American Society for Information Science, v. 45, n. 8, p. 583-588, 1994.

SMIT, Johanna W. Novas tecnologias e bancos de imagens. XII Encontro Regional de História – ANPUH, Campinas, 05 a 07/09/1994.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. Informare, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SMIT, Johanna W. Propostas para a indexação de informação iconográfica, 1997. (Mimeo).

SMIT, Johanna W. Análise documentária: a análise da síntese. 2<sup>a</sup> ed. Brasília: IBICT, 1989. A análise da imagem: um primeiro plano, p. 101-113.

SONTAG, Susan. Questão de ênfase; ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Uma foto não é uma opinião; ou é?, p. 306-322.